

PAUTAS PARA A UTILIZAÇÃO DO QUADRO-NEGRO: RECURSO AUDIOVISUAL NO CURSO DE DIREITO

Magno Federici Gomes*

RESUMO

A presente reflexão tem a finalidade de analisar a utilização do quadro-negro pelo professor de Direito, facilitando o processo de ensino e aprendizagem. Talvez o objetivo deste estudo seja por demais ambicioso, mas não deixa de ser uma tentativa de sistematizar condutas que possam ser aplicadas por educadores que amam o que fazem, que desejam desestruturar idéias pré-concebidas e que iniciam processos de transformação em seus tutelados. Este artigo visa o educador que, atento aos outros recursos audiovisuais, reconhece a importância do tradicional quadro-negro e suas vantagens, principalmente quando emprega a aula expositiva como técnica preponderante, estando preparado a qualquer eventualidade que possa vir a ocorrer dentro da sala de aula, bem como para o uso de outro auxiliar plurissensorial. Obviamente, nem todas as técnicas apresentadas neste artigo poderão ou deverão ser utilizadas no curso de Direito. Todavia, o uso do quadro-negro no ensino superior pode acarretar excelentes resultados no processo de ensino e aprendizagem, desde que sejam observadas as pautas ora sugeridas.

PALAVRAS-CHAVE

ENSINO JURÍDICO; DIDÁTICA GERAL; QUADRO-NEGRO; PAUTAS; UTILIZAÇÃO.

RESUMEN

La presente reflexión tiene por finalidad analizar la utilización de la pizarra por el profesor de Derecho, facilitando el proceso de enseñanza y el aprendizaje. Tal vez, el objetivo de este estudio sea demasiado ambicioso, pero no deja de ser un intento de sistematizar conductas que puedan ser empleadas por educadores que aman lo que

* Doutor em Direito pela Universidad de Deusto-Espanha. Mestrando em Educação pela PUC Minas. Coordenador do Serviço de Assistência Judiciária da PUC Minas – unidade São Gabriel. Professor Adjunto da PUC Minas – unidade São Gabriel. Professor Titular da Faculdade de Direito Padre Arnaldo Janssen. Advogado Militante. Endereço eletrônico: federici@pucminas.br.

hacen, que desean desestabilizar ideas ya concebidas y que inician procesos de transformación en sus tutelados. Este artículo está hecho para el educador que, con atención a los demás medios audiovisuales, reconoce la importancia de la tradicional pizarra y sus ventajas, en especial cuando utiliza la clase expositiva como técnica preponderante, estando preparado para cualquier eventualidad que se pase en el aula, sin perjuicio del empleo de otro auxiliar sensorial. Obviamente, ni todas las técnicas presentadas en este artículo podrán o deberán ser usadas en la licenciatura de Derecho. Sin embargo, el empleo de la pizarra en la enseñanza superior puede generar excelentes resultados en el proceso de aprendizaje, si respetadas las sugerencias de orientaciones de este artículo.

PALABRAS-CLAVE

ENSEÑANZA JURÍDICA; DIDÁCTICA-GENERAL; PIZARRA; ORIENTACIONES; EMPLEO.

INTRODUÇÃO

A presente reflexão tem a finalidade de analisar a utilização do quadro-negro pelo professor, facilitando o processo de ensino e aprendizagem. Talvez o objetivo deste estudo seja por demais ambicioso, mas não deixa de ser uma tentativa de sistematizar condutas que possam ser aplicadas por educadores que amam o que fazem, que desejam desestruturar idéias pré-concebidas e que inician processos de transformação em seus tutelados.

Este artigo visa o educador que, atento aos outros recursos audiovisuais, reconhece a importância do tradicional quadro-negro e suas vantagens, principalmente quando emprega a aula expositiva como técnica preponderante, estando preparado a qualquer eventualidade que possa vir a ocorrer dentro da sala de aula, bem como para o uso de outro auxiliar plurissensorial.

Sabe-se que método é o caminho ideal percorrido pela mente, não físico, sendo uma maneira de pensar, como por exemplo os métodos de produção, construção e ampliação do conhecimento. O método pode ser indutivo ou derivado da observação,

pelo qual fatos isolados se conectam entre si, fazendo uma posterior generalização, o que se denomina de tratamento estatístico. O método dedutivo parte do geral para cair no particular, ou seja, o conceito estudado é, posteriormente, dividido em partes. O método indutivo-dedutivo é uma composição entre os dois anteriores. O método dialético, segundo Hegel, parte de uma verdade (tese) que será, necessariamente, contestada ou negada (anti-tese/antítese), para se chegar ao resultado final (síntese), que não deixa de ser a nova tese.

Existem, ainda, os métodos de ensino que servem para garantir a transmissão do conhecimento, isto é, transmissivo-expositivo. O transmissivo originou-se na escola tradicional e tem por objetivo a transferência de informações aos alunos. O ativo é derivado da escola nova, segundo o qual o professor é um mediador entre alunos e conhecimento; e dá ênfase ao construtivismo. Para Alonso:

[...] o método é um *constructo* em cuja estrutura são adotadas uma série de decisões a fim de abordar o decurso de uma ação, é evidente que os fins deveriam ser determinantes do método. [...] Após chegar a um acordo sobre os fins, viria a discussão mais propriamente técnica que procuraria articular metodologias coerentes ideologicamente com eles e capazes de atingi-los em algum nível¹.

Com isso, técnicas são maneiras de percorrer o caminho ideal do método. O método pode se tornar técnica se somente uma técnica é utilizada. De maneira que método expositivo é diferente de aula expositiva. A técnica pode ser presencial (individual, coletiva ou mista) ou à distância. A técnica presencial pode ser centrada no professor (exposição e demonstração dos conteúdos) ou no aluno. A técnica presencial centrada no aluno pode ser individual (quando o discente a realiza sozinho – observação, leitura, instrução programada, programas de computador e estudos de texto), individual-coletiva (estudo dirigido, aulas dialogadas entre professor e alunos, bem como experimentação em laboratórios com participação efetiva dos discentes) e coletiva (trabalhos em grupo, com atividades sócio-interacionistas – seminários, painéis, mesas-redondas, *workshops*, debates, projetos interdisciplinares).

Os discentes, quando em sala de aula, ouvem e pensam, para que captem as informações passadas pelos docentes. Todavia, os alunos podem aprender mais com

¹ ALONSO, Ángel San Martín. O Método e as decisões sobre os meios didáticos. In: SANCHO, Juana María. **Para uma tecnologia educacional**. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: ArtMed, 1998, 2001 – 2. reimpressão. Cap. 3, p. 77-78.

aquilo que visualizam, transformando as informações em conhecimento. Após a transferência da informação, o conhecimento manifesta-se por meio da tradução e reconstrução de signos, sinais, símbolos, outras formas representativas, idéias, discursos e teorias.

As novas tecnologias, além de facilitarem o acesso à informação, podem favorecer a expressividade, participação, criatividade e o próprio processo de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, aprendizagem é um processo interno e continuado de evolução, sendo uma relação do sujeito com o novo, uma mudança de comportamento visível, por meio da aquisição de habilidades, competências e conhecimento. Ensino, por outro lado, também é um processo, sempre intencional, de estimulação e provocação da aprendizagem, fragmentando os conteúdos de seus contextos naturais.

Portanto, a educação, entendida como processo contínuo, individual ou coletivo, de desenvolvimento pessoal inserido pela Sociedade e fundado no cotidiano do discente, deve ter ciência que o conhecimento evolui pela possibilidade de sua integração em um contexto global e não apenas pela sofisticação, abstração ou formalização. A produção de conhecimento está intimamente vinculada à percepção da realidade, ao pensamento crítico e à linguagem.

Segundo Piletti (2004), Ferreira e Silva Júnior (1975; 1986), existem pesquisas informando que o aprendizado vincula-se preponderantemente à visão (83%) e que a qualidade dos dados retidos está ligada às atividades realizadas pelo aluno depois do aprendizado, ou seja, absorve-se 50% do que se vê e escuta, 70% do que se ouve e logo discute e 90% do que se escuta e logo realiza ou escreve. Além disso, a possibilidade de retenção de informações é maior se o método de ensino visual se combina com o oral, pois, após 3 horas, retém-se 85% das informações e, depois de 3 dias, 65% das mesmas, o que é bem superior aos resultados dos métodos exclusivamente oral ou visual.

Nesse ínterim, os recursos audiovisuais aparecem como instrumento das técnicas de ensino e aprendizagem, podendo aumentar a eficiência dos procedimentos didáticos. Destaca-se que os mesmos são, então, apenas meio e não fim. Nesse sentido, “podemos identificar os recursos audiovisuais com os tradicionais materiais didáticos, entendendo-se por isso todos os auxiliares ou meios “materiais” que se dirigem, *inicialmente*, aos órgãos sensoriais”².

² PARRA, Nélío. As Técnicas audiovisuais no ensino. In: CASTRO. Amélia Domingues de; *et al.* **Didática para a escola de 1º e 2º graus**. 4. ed. São Paulo: Pioneira-Instituto Nacional do Livro / MEC,

De maneira que:

No aspecto “ensino” propriamente dito, os relatos históricos assinalam que, já na antigüidade, as salas de aula eram dotadas de equipamentos e recursos, como mapas, globos, cartas murais sobre astronomia, tábuas de grande tamanho que faziam as funções de quadro-negro, e aparatos para o ensino de aritmética³.

É fato incontroverso, então, que a aprendizagem não decorre de elemento exclusivamente sensorial, já que necessita de estruturas mentais mais complexas e elaboradas do que a já citada, mas nada impede a facilitação ou a maximização da retenção das informações através dos recursos audiovisuais.

No que toca a classificação dos meios em questão:

Os recursos audiovisuais podem ser classificados de variadas formas, de acordo com o critério adotado. Edgar Dale apresenta os recursos didáticos, isto é, os recursos de ensino-aprendizagem, ordenados em uma escala contínua na qual, em um dos pontos extremos aparecem os recursos mais concretos e no outro os mais abstratos (simbólicos). Portanto, os recursos são escalonados de acordo com a maior ou menor proximidade destes extremos: de um lado o concretismo e o realismo, do outro o simbolismo⁴.

Entretanto, a classificação predominante no Brasil é a de Parra (1972; 1976), pela qual os materiais auxiliares do processo de ensino e aprendizagem dividem-se em três categorias diferentes, tendo em vista o sentido empregado. A primeira, recursos visuais, que somente utilizam a visão (códigos digitais escritos e analógicos: icônicos, esquemáticos e abstratos-emocionais). A segunda, recursos auditivos, que precisam exclusivamente da audição (códigos digitais orais e analógicos). A terceira e última, recursos audiovisuais propriamente ditos, que apelam tanto para os estímulos visuais quanto auditivos.

Enfim, o quadro-negro ou lousa, independentemente de sua cor (verde, bege ou branca), é um símbolo visual (abstrato) na classificação Dale, enquanto se inclui nos recursos visuais, em conformidade com a categoria taxonômica de Parra.

1. JUSTIFICATIVA

1976, p. 77.

³ PARRA, Nélío. **Metodologia dos recursos audiovisuais**: estudo fundamentado na psicologia genética de Jean Piaget. São Paulo: Saraiva, 1974, 1977 – 2. reimpressão, p. 17.

⁴ HAIDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 – 6. reimpressão, p. 235-236.

Pedagogia é a ciência que trata da educação em sua totalidade. E didática é a disciplina que orchestra as outras ciências educacionais, estudando o fenômeno educacional. Para Masetto, por outro lado, didática “é uma reflexão sistemática sobre o processo de ensino-aprendizagem que acontece na escola e na aula, buscando alternativas para os problemas da prática pedagógica”⁵. Dessa forma, é obrigatório reconhecer a validade dos recursos audiovisuais e forçoso estudar tais meios, de forma a desenvolver os mesmos e maximizar o seu potencial de utilização.

Ademais, já se demonstrou, conforme Piletti (2004), Ferreira e Silva Júnior (1975; 1986), que o aprendizado, para as pessoas sem limitações, está intimamente conectado à visão, mais precisamente em 83% dos conteúdos assimilados, e que a retenção de informações é maior se o método de ensino visual é usado conjuntamente com o oral. Na lição de Haidt:

Em geral, o professor usa o quadro-de-giz durante a aula expositiva, enquanto desenvolve a explicação. À medida que explica o conteúdo, vai anotando no quadro os dados mais importantes da exposição, que precisam ser ressaltados, visualizados e fixados⁶.

A aula expositiva, “em geral, baseia-se na apresentação oral de um tema, pelo professor, e pode contar com maior ou menor participação dos alunos, dependendo da proposta e dos objetivos de ensino”⁷. Não se entrará no mérito, positivo ou não, da aula expositiva, mas, neste momento, abre-se um parêntesis para dizer que a aula expositiva é um dos procedimentos centralizadores mais utilizados e difundidos no meio escolar brasileiro. De qualquer forma, é necessário ter em mente que a aula expositiva constitui técnica cuja utilização tem seu importante lugar no processo educativo. É preciso esclarecer, contudo, que não é o único. Como exemplo de outras ações centradas no

⁵ MASETTO, Marcos Tarciso. **Didática: a aula como centro**. 4. ed. São Paulo: FTD, 1997, p. 13.

⁶ HAIDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 – 6. reimpressão, p. 238; em sentido equivalente MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003, p. 124; CARLINI, Alda Luiza. Procedimentos de ensino: escolher e decidir. In: SCARPATO, Marta (Org.). **Os Procedimentos de ensino fazem a aula acontecer**. São Paulo: Avercamp, 2004. Cap. 2, p. 38; ABREU, Maria Célia Teixeira Azevedo de; MASETTO, Marcos Tarciso. **O Professor universitário em aula: prática e princípios teóricos**. 3. ed. São Paulo: MG Editores Associados, 1983, p. 78.

⁷ CARLINI, Alda Luiza. Procedimentos de ensino: escolher e decidir. In: SCARPATO, Marta (Org.). **Os Procedimentos de ensino fazem a aula acontecer**. São Paulo: Avercamp, 2004. Cap. 2, p. 38.

professor que também podem se valer do quadro-negro, pode-se citar a aula dialogada e o debate com a turma toda, coordenado pelo professor.

Outro motivo para o estudo sobre o quadro-negro é que ele é característica universal em qualquer sala de aula, podendo-se presumir sua existência no referido ambiente acadêmico, pois é facilmente encontrado. Além disso, é o recurso visual mais empregado pelos docentes, já que se trata de evidente auxílio e apoio ao desenvolvimento das aulas. Nesse sentido, a doutrina manifesta-se:

Muitos professores não gostam e até evitam usá-los, pois eles mancham as mãos e a roupa, mas seu valor educacional é substancial, mesmo em nossa era eletrônica. Os educadores do século XIX apreciavam o valor do quadro-negro. Em 1841, Josiah Bumsted escreveu: “O inventor ou introdutor do quadro-negro merece ser classificado entre aqueles que mais contribuíram para o ensino e a ciência, se não entre os melhores benfeitores da humanidade”⁸.

Ferrés (2001) destaca que os recursos audiovisuais tradicionais não podem ser marginalizados, informando que se deve “tirar vantagem daquilo que cada meio é capaz de oferecer”⁹, e demonstra a importância do quadro-de-giz ao dizer que:

É o meio mais acessível, mais econômico, mais fácil de usar. Tem os inconvenientes de que a informação não é permanente e de que o professor deve dar as costas aos alunos enquanto nele escreve ou desenha. Mas é extremamente funcional para esquematizar ou para transmitir informações diretas, simples; por exemplo, para demonstrar o que são duas linhas paralelas. Também para que os alunos possam praticar ou expor conhecimentos que devem ser divididos com a turma¹⁰.

Ademais, Wittich e Schuller acrescentam:

⁸ LOWMAN, Joseph. **Dominando as técnicas de ensino**. Tradução de Harue Ohara Avritscher. São Paulo: Atlas, 2004, p. 148; em sentido equivalente WITTICH, Walter Arno; SCHULLER, Charles Francis. **Recursos audiovisuais na escola**. Tradução de Gastão Roberto Coaracy; Joana Elazari Coaracy. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1964, p. 56.

⁹ FERRÉS, Joan. Pedagogia dos meios audiovisuais e pedagogia com os meios audiovisuais. In: SANCHO, Juana María. **Para uma tecnologia educacional**. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: ArtMed, 1998, 2001 – 2. reimpressão. Cap. 5, p. 138.

¹⁰ FERRÉS, Joan. Pedagogia dos meios audiovisuais e pedagogia com os meios audiovisuais. In: SANCHO, Juana María. **Para uma tecnologia educacional**. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: ArtMed, 1998, 2001 – 2. reimpressão. Cap. 5, p. 139; em sentido equivalente WITTICH, Walter Arno; SCHULLER, Charles Francis. **Recursos audiovisuais na escola**. Tradução de Gastão Roberto Coaracy; Joana Elazari Coaracy. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1964, p. 56; PILETTI, Claudino. **Didática geral**. 23. ed. São Paulo: Ática, 2004 – 5. reimpressão, p. 158; PARRA, Nélío. As Técnicas audiovisuais no ensino. In: CASTRO, Amélia Domingues de; *et al.* **Didática para a escola de 1º e 2º graus**. 4. ed. São Paulo: Pioneira-Instituto Nacional do Livro / MEC, 1976, p. 81; PARRA, Nélío; PARRA, Ivone Corrêa da Costa. **Técnicas audiovisuais de educação**. 3. ed. São Paulo: Edibell, 1972, p. 89.

Mesmo nesta moderna era do espaço, o quadro-negro continua a ser um meio básico para a apresentação de fatos. Os professores poderão empregá-lo com maior eficiência, se compreenderem de maneira mais completa as suas características, flexibilidade e oportunidades que oferece para a instrução eficiente¹¹.

Piletti apresenta, ainda, outras vantagens da lousa:

- Pode ser utilizada facilmente: não exige habilidades especiais nem equipamentos dispendiosos.
- Facilita a correção e as alterações nos assuntos apresentados.
- Torna possível participação efetiva da classe: os alunos podem escrever na lousa.
- É um recurso econômico¹².

Ademais da otimização do tempo do docente, a ausência de custos extras, a permissão de rápidas correções e alterações na apresentação, ser versátil por permitir ampla participação dos discentes, Parra acrescenta que “a preparação dos materiais é feita rapidamente, não exigindo longo planejamento, como acontece, freqüentemente com outros veículos”¹³. Além disso:

O quadro-negro tem demonstrado, através de pesquisas, sua superioridade sobre muitos outros recursos audiovisuais. Seu uso conveniente, especialmente considerando as limitações da escola brasileira em termos de [sic] equipamento e materiais audiovisuais, é medida das mais recomendáveis. Planejar com antecedência a apresentação, dinamizá-la com técnicas novas, incentivar a participação dos alunos, são procedimentos que o professor deve adotar para tirar o máximo proveito do quadro-negro¹⁴.

De forma que a correta utilização do quadro-negro pelo educador pode apoiar sua exposição, atrair a atenção dos educandos para o que é mais adequado,

¹¹ WITTICH, Walter Arno; SCHULLER, Charles Francis. **Recursos audiovisuais na escola**. Tradução de Gastão Roberto Coaracy; Joana Elazari Coaracy. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1964, p. 56.

¹² PILETTI, Claudino. **Didática geral**. 23. ed. São Paulo: Ática, 2004 – 5. reimpressão, p. 158-159; em sentido equivalente PARRA, Nélío. As Técnicas audiovisuais no ensino. In: CASTRO. Amélia Domingues de; *et al.* **Didática para a escola de 1º e 2º graus**. 4. ed. São Paulo: Pioneira-Instituto Nacional do Livro / MEC, 1976, p. 81-82; PARRA, Nélío; PARRA, Ivone Corrêa da Costa. **Técnicas audiovisuais de educação**. 3. ed. São Paulo: Edibell, 1972, p. 89-90.

¹³ PARRA, Nélío. As Técnicas audiovisuais no ensino. In: CASTRO. Amélia Domingues de; *et al.* **Didática para a escola de 1º e 2º graus**. 4. ed. São Paulo: Pioneira-Instituto Nacional do Livro / MEC, 1976, p. 81.

¹⁴ PARRA, Nélío; PARRA, Ivone Corrêa da Costa. **Técnicas audiovisuais de educação**. 3. ed. São Paulo: Edibell, 1972, p. 95.

principalmente o que se deseja explicitar com detalhes, facilitando a compreensão e fixação dos diversos conteúdos da disciplina e aumentando, ainda, o aproveitamento das lições pelos discentes. Em conclusão, o quadro-negro é um excelente meio visual, se empregado corretamente, já que pode servir para a apresentação direta de qualquer conteúdo ou assunto dos currículos escolares.

2. OBJETIVOS

Sabe-se que habilidade é a capacidade de resolução de atividades habituais. Por sua vez, competência é uma mobilização de habilidades com conhecimentos prévios e atitudes, manifestada em prazo razoável, para se solucionar problemas novos e situações práticas complexas. Com isso, um dos objetivos específicos seria o desenvolvimento de habilidades e competência, em menor grau, no uso da lousa; oferecendo uma contribuição aos educadores do Direito, no sentido de maximizar a eficácia dos meios visuais, principalmente quanto ao uso diário do quadro-negro.

Portanto, Ferreira e Silva Júnior (1986; 1975) demonstram, com propriedade, os objetivos deste estudo, ao pesquisarem os outros recursos audiovisuais:

Devemos então procurar sair do “tradicional colorido”, passando a estabelecer uma “pedagogia audiovisual”.

Os diferentes componentes da situação de ensino apresentam, de acordo com *Robert M. Gagné*, oito funções:

1. apresentar o estímulo;
2. dirigir a atividade e a atenção do aluno;
3. fornecer um modelo para o comportamento final desejado;
4. fornecer elementos insinuadores externos;
5. orientar a direção do pensamento;
6. induzir a transferência do conhecimento;
7. avaliar o rendimento da aprendizagem;
8. proporcionar “retroalimentação”.

A linguagem oral, recurso do processo de ensino-aprendizagem mais utilizado pelo professor, pode ser bastante auxiliada por outros recursos que estimulem outros sentidos.

Os sentidos são a ligação entre o homem e o mundo exterior e, se pensarmos numa “ecologia da aprendizagem”, devemos criar um ambiente que permita estimular o maior número de sentidos possível. Estudando os cinco mais importantes sentidos do homem, cientistas concluíram que a visão é o que apresenta maior possibilidade percentual de aprendizagem¹⁵.

¹⁵ FERREIRA, Oscar Manuel de Castro; SILVA JÚNIOR, Plínio Dias da. **Recursos audiovisuais no processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1986, p. 4; nesse sentido FERREIRA, Oscar Manuel de Castro; SILVA JÚNIOR, Plínio Dias da. **Recursos audiovisuais para o ensino**. São Paulo: EPU-Instituto Nacional do Livro / MEC, 1975, p. 3.

Em resumo, o objetivo específico principal deste artigo é descrever o quadro-negro, bem como algumas técnicas de ensino que o transformam em auxiliar visual de extrema importância no ensino.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Primeiramente, é essencial verificar se na sala de aula existe quadro-negro. Tal preocupação parece irrelevante, porque, como já foi mencionado, a lousa é o recurso visual mais facilmente encontrado no ambiente acadêmico.

Conforme Wittich e Schüller (1964), em uma sala de aula ordinária, são necessários de 4,5 a 6 metros lineares de lousa. Além disso, para que a mesma seja aproveitada em sua totalidade, é importante levar em consideração as seguintes características:

1. Deve proporcionar o máximo contraste entre o fundo e as linhas traçadas ou símbolos escritos. Ou seja, a superfície deve “expor” uma boa imagem a giz.
2. Deve eliminar o brilho. Êste é um dos problemas mais comuns das superfícies polidas dos quadros tradicionais, ou das superfícies com as quais se tem pouco cuidado [sic].
3. Deve ser fácil de apagar ou limpar sem deixar “fantasmas” ou nódoas. Isto é válido tanto para giz branco quanto colorido.
4. A cor deve combinar com a sala, sendo ao mesmo tempo eficiente em termos de apresentação visual. Encontram-se bons quadros em cor pastel, verde ou amarelo, e em preto [sic].
5. Deve ser montado de maneira a ficar facilmente [sic] ao alcance do braço da criança. A altura em que é colocado varia segundo o grupo de idade dos alunos que o usam¹⁶.

Em segundo lugar, para Wittich e Schuller (1964), bem como para Wiman (1973) e Parra e Parra (1972), o prévio planejamento da utilização do quadro-negro deve ser feito pelo educador, que também deve pensar se o mesmo é o recurso visual mais adequado para transmitir determinado assunto, bem como se a lousa deve ser assessorada por outros meios audiovisuais. Elaborar um *layout* prévio é importante, para que o tempo da aula seja considerado. Assim, o professor poderá ser orientado em sua preleção, de maneira limpa, agradável e organizada.

¹⁶ WITTICH, Walter Arno; SCHULLER, Charles Francis. **Recursos audiovisuais na escola**. Tradução de Gastão Roberto Coaracy; Joana Elazari Coaracy. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1964, p. 57-58.

Em terceiro lugar e ainda na lição de Wittich e Schüller (1964), antes de se utilizar o quadro-negro, o mesmo deve estar completamente limpo. O professor deve limpá-lo com movimentos verticais de apagador, de cima para baixo, para que os detritos resultantes caiam no porta-giz. Apesar de limpo, o quadro-negro conserva a aparência gizada, o que não causa problemas. Em virtude de tal fato, existe um procedimento para o quadro-de-giz novo ou recém lavado, segundo Wiman (1973), onde se reveste, suavemente, a lousa inteira com giz deitado. Após se apagar a cobertura, o quadro estará pronto para a utilização. Essa preparação facilita os futuros apagamentos e evita as marcas “fantasmas”¹⁷.

É obvio que tais informações referem-se ao quadro-de-giz, mas as mesmas também podem ser aplicadas ao quadro-branco de pincéis, com bom senso do professor e algumas particularidades. A principal particularidade é que a preparação do quadro-branco deve ser feita com um óleo especial que permite o uso dos pincéis, sem deixar as mesmas marcas “fantasmas”.

Em quarto lugar, Wittich e Schuller (1964), Parra e Parra (1972) e Wiman (1973) destacam que o tamanho e estilo da letra devem ser adequados, ou seja, a letra tem que ser suficientemente grande e legível para que todos os discentes a vejam e o estilo deve ser simples, em maiúsculas e minúsculas, para facilitar a legibilidade. As letras maiúsculas somente servem para ressaltar a palavra dentro do todo.

Em quinto lugar e em conformidade com Masetto (2003), cada recurso audiovisual apresenta regras próprias, mas é possível citar alguns aspectos gerais inerentes a todos eles. O primeiro deles, mais importante para o quadro-negro, é que nenhum meio auxiliar deve ser usado para a escrita e leitura de textos muito longos. Servem, simplesmente, para a exibição de esquemas, roteiros de aula com itens chave que serão tratados. Aconselha-se, ainda, a não colocar todas as palavras-chave de uma só vez nos recursos, apresentando separadamente cada uma. Para isso:

Cobrir palavras ou desenhos com tiras de papel é um recurso de que o professor pode lançar mão para apresentar um sumário ou mesmo uma ilustração, parte por parte, evitando assim a dispersão da atenção da classe

¹⁷ *Antes de usarse, los pizarrones nuevos o recién lavados deben prepararse. Este proceso consiste en recubrir todo el pizarrón pasándole suavemente un giz cortado a lo largo. Una vez que se borra esta cubierta el pizarrón está listo para ser empleado. La preparación del pizarrón facilita la operación de borrar y ayuda a prevenir las marcas fantasmas que se forman cuando los pizarrones no se preparan adecuadamente* (WIMAN, Raymond V. **Material didáctico**: ideas prácticas para su desarrollo. Tradução de Jorge Brash. México-DF: Trillas, 1973, p. 38).

para outros pontos que não estão sendo focalizados no momento. Esta técnica requer um preparo anterior à entrada dos alunos em classe¹⁸.

Assim, “a regra básica é não escrever no quadro nada que não seja importante, nada a que o professor não se referiria em algum detalhe, e nada excessivamente longo”¹⁹. Em síntese, as funções do quadro-negro, para Piletti, são:

- Apresentar esquemas, resumos, quadros sinóticos.
- Registrar dados.
- Visualizar idéias através de desenhos.
- Transcrever e resolver exercícios.
- Apresentar graficamente os tópicos complexos e abstratos²⁰.

Lowman (2004), ao explicitar essas peculiaridades, diz:

Muitos excelentes professores escrevem rotineiramente, em um canto do quadro, um esquema ou uma lista de palavras-chaves para a aula do dia, antes de começar a aula. Isso fornece uma prévia útil do que está por vir. Entretanto, o professor não deve escrever uma grande quantidade de coisas no quadro, antes da aula. Os estudantes vão simplesmente copiar tudo no começo da aula, sentar atrás e relaxar. É o processo de escrever sobre o quadro durante a aula que prende a atenção dos alunos e os impele a organizar o conteúdo²¹.

Ainda nesse ponto, Carvalho (1987) apresenta outras técnicas que podem ser empregadas corriqueira e eficientemente no quadro-negro:

[...] em algumas situações especiais, pode ser preparado antes da aula ou no final desta. Usa-se escrever o sumário antes de começar a exposição quando, pela complexidade do assunto e pela inter-relação das suas diversas partes, convém apresentar de início e integralmente o esquema básico, para uma visão de conjunto, antes de se proceder à análise de cada parte do tema. Quando, ao contrário, a matéria da aula é fácil e simples, pode-se explicá-la sem auxílio do quadro, e, depois, com a colaboração dos alunos, sintetizá-la no quadro-de-giz. [...] Muito freqüentemente ainda podemos adotar um sistema que dá excelentes resultados. Escrevem-se no quadro, no princípio da aula, os itens essenciais ou pontos-chave, localizando-os apropriadamente (conforme nosso planejamento quanto à disposição dos dados), e deixam-se entre eles os espaços convenientes para serem preenchidos no momento oportuno, ou seja, quando chegar a vez de expô-los. Têm-se, assim, vários

¹⁸ PARRA, Nélío; PARRA, Ivone Corrêa da Costa. **Técnicas audiovisuais de educação**. 3. ed. São Paulo: Edibell, 1972, p. 94-95.

¹⁹ LOWMAN, Joseph. **Dominando as técnicas de ensino**. Tradução de Harue Ohara Avritscher. São Paulo: Atlas, 2004, p. 149.

²⁰ PILETTI, Claudino. **Didática geral**. 23. ed. São Paulo: Ática, 2004 – 5. reimpressão, p. 158.

²¹ LOWMAN, Joseph. **Dominando as técnicas de ensino**. Tradução de Harue Ohara Avritscher. São Paulo: Atlas, 2004, p. 149.

pontos de apoio, que nos ajudarão a não ter falhas de memória durante a exposição, as quais são mais comuns quando terminamos de explicar um item e temos de passar para o item seguinte. Acresce que, com esse sistema, evitamos desvios do assunto principal e longas digressões, assim como facilitamos a apreensão orgânica do tema por parte dos alunos²².

Em sexto lugar, Parra e Parra ensinam que:

Ao escrever ou desenhar no quadro-negro, não fazê-lo em silêncio mas falar e escrever imediatamente para fixar melhor os conceitos e facilitar o acompanhamento pela classe. Não dar as costas totalmente para os alunos; procurar escrever um pouco de lado, falando e olhando, constantemente, para a classe. Ao explicar um assunto, verifique constantemente sua posição de modo a não prejudicar a visibilidade dos alunos. [...] Uns dos pontos negativos mais comuns na utilização do quadro-negro refere-se à colocação de sumários e quadros sinóticos. [...] O sumário, a não ser em casos especiais, deve crescer no quadro-negro à medida que a aula se desenvolve²³.

Em sétimo e oitavo lugares, respectivamente, “use o quadro da esquerda para a direita, seguindo uma certa ordem na disposição dos elementos escritos ou desenhados dentro da área” e só “utilize o giz de cor de forma funcional, para salientar ou destacar uma palavra, frase ou parte de um desenho”²⁴.

Em nono, segundo Wittich e Schuller (1964) e Parra e Parra (1972), a lousa é um excelente instrumento para visualização de idéias, embora o professor não possua habilidade artística para desenhar. Entre as possibilidades ilimitadas de ilustração na lousa, estão os desenhos simples ou esquemáticos, o desenho por molde recortado em papelão grosso ou madeira, o desenho por molde perfurado por pontos, o desenho mais elaborado com auxílio de projetor, os dois últimos em casos especiais, e o aproveitamento de ilustrações em papel coladas no quadro, para uso de fluxogramas.

Em décimo lugar, Parra e Parra (1972) informam que a elaboração de retas e círculos, na ausência de régua e compassos, podem ser, tranqüilamente, realizados por barbantes ou pedaços de madeira. Para a reta horizontal deve-se impregnar o barbante com giz, após a afixação nas extremidades desejadas. Para um traçado de linhas verticais paralelas, pode-se fazer um dispositivo de papelão ou madeira, com

²² CARVALHO, Irene Mello. **O Processo didático**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987, p. 155.

²³ PARRA, Nélío; PARRA, Ivone Corrêa da Costa. **Técnicas audiovisuais de educação**. 3. ed. São Paulo: Edibell, 1972, p. 91.

²⁴ HAIDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 – 6. reimpressão, p. 238.

perfurações, onde se insere o giz. Para o círculo deve-se pregar uma extremidade no quadro, fazendo-se a volta completa com a outra extremidade que possui o giz.

Por fim, Piletti sintetiza os procedimentos essenciais no emprego do quadro-negro:

- Limpar totalmente a lousa antes de qualquer utilização.
- Começar a escrever na parte de cima da lousa.
- Usar o apagador no sentido vertical, de cima para baixo.
- Não dar as costas totalmente para os alunos: escrever um pouco de lado e falar ao mesmo tempo que escreve para manter a atenção dos alunos.
- Escrever de forma legível e com letra grande.
- Usar giz de cor para dar ênfase a uma palavra ou a parte de um desenho. As cores mais adequadas são o vermelho, o amarelo, o azul e o verde.
- Usar giz de cor para mostrar relações ou distinguir parte de um todo.
- Repartir a lousa em três partes: na primeira, fazer uma síntese do assunto do dia e nas outras, da esquerda para a direita, dar uma visão global da matéria²⁵.

Finalmente, salienta-se que:

O ato de escrever sobre o quadro-negro concentra a atenção do estudante na aula. Pesquisas indicam que a maioria dos estudantes universitários copiará, em suas anotações, virtualmente tudo o que o professor escrever no quadro (Howe, 1980). O quadro-negro é um lugar excelente para se escrever palavras-chaves ou nomes, se não por outra razão, para aumentar a probabilidade de os estudantes aprenderem a soletrá-las corretamente. Infelizmente, alunos omitem algumas vezes as palavras-chaves quando tomam notas, especialmente “não”, “nem”, e o prefixo “des-” ou “in-”, e perdem completamente o significado do assunto da aula. É, portanto, melhor ter o cuidado de escrever as declarações negativas no quadro²⁶.

Com isso, apresentou-se o que a doutrina especializada menciona sobre as técnicas de emprego do quadro-negro, que podem, tranqüilamente, ser usadas no curso de Direito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Obviamente, nem todas as técnicas apresentadas acima poderão ou deverão ser utilizadas no curso de Direito. Todavia, o uso do quadro-negro no ensino superior, mais precisamente no ramo jurídico que emprega a aula expositiva como técnica

²⁵ PILETTI, Claudino. **Didática geral**. 23. ed. São Paulo: Ática, 2004 – 5. reimpressão, p. 159.

²⁶ LOWMAN, Joseph. **Dominando as técnicas de ensino**. Tradução de Harue Ohara Avritscher. São Paulo: Atlas, 2004, p. 148.

preponderante, pode acarretar excelentes resultados no processo de ensino e aprendizagem, desde que sejam observadas as seguintes pautas:

1. O recurso visual do quadro-negro deve ser tratado com cuidado, para evitar danos à sua estrutura, que venham a impedir as futuras utilizações.

2. A apresentação dos conteúdos na lousa deve ser preparada previamente, como um dos elementos integrantes do plano de aula. Para isso, pode ser utilizado um *layout* prévio.

3. Antes de começar seu uso, o quadro-negro deve estar completamente limpo. O apagador deve ser utilizado em movimentos verticais de cima para baixo, para evitar a dispersão de detritos resultantes da limpeza e facilitar as ações do docente, já que a resistência será compensada pela força da gravidade.

4. A letra do docente deve ser suficientemente grande e legível para que todos os discentes a vejam e o estilo deve ser simples, em maiúsculas e minúsculas, para facilitar a legibilidade. As letras maiúsculas somente servem para ressaltar a palavra dentro do todo. Além disso, a letra deve ser cursiva, resguardando a de forma para quando a primeira não for legível.

5. Cores variadas podem ser usadas, mas sem excessos. Em geral limitadas a três ou quatro e servem para dar ênfase a uma palavra ou a uma parte de um desenho, da mesma forma que as letras maiúsculas, ou, ainda, para demonstrar relações entre conteúdos. As cores mais adequadas para escrever assuntos ordinários são a preta e a azul e para ressaltar a importância de conteúdos são a vermelha e a verde, levando-se em consideração um quadro-branco. Se o quadro for negro, os gizos branco ou azul devem ser empregados para assuntos correntes, enquanto que o vermelho ou o amarelo para conteúdos extraordinários.

6. O quadro-negro deve ser dividido em várias partes, usando, para isso, três ou quatro traços verticais, dependendo do tamanho da lousa. Em cada parte, deve se escrever com limpeza e ordem, começando bem em cima e usando as frações da esquerda para a direita. Na primeira, deve-se fazer uma síntese ou sumário do assunto do dia e nas outras, da esquerda para a direita, dar uma visão global e detalhada da matéria, ou seja, síntese e análise de conteúdos, respectivamente. Preenchidas todas as partes, deve-se apagar a primeira parte, com exceção da síntese esquemática, e assim por diante, repetindo-se a operação, caso necessário.

7. Na primeira parte esquerda e no início da aula, deve se colocar a data no alto e apresentar o esquema geral que será tratado (síntese ou sumário). Essa parte não deve ser apagada no curso das atividades, permanecendo escrita durante toda a aula. O professor deve identificar, por meio de símbolos previamente explicados a turma, o tópico que está sendo tratado, bem como os superados. Por exemplo, o docente pode colocar um ponto na frente do item que está sendo ensinado, cortando-o logo depois de ministrado e seguindo, assim por diante, em todos os assuntos sucessivos do roteiro.

8. O educador deve evitar longas transcrições, não ficando em silêncio ao escrever no quadro-negro. Assim, o professor deve se dirigir à sala enquanto escreve, permanecendo-se em posição parcialmente lateral, ou seja, não ficando completamente de costas para a turma. Quando simplesmente fala, deve olhar, exclusiva e diretamente, para os alunos.

9. Qualquer conteúdo apresentado na lousa deve ter um título simples, esclarecedor e de poucas palavras. As legendas sempre devem ser concisas e legíveis e as frases têm que ser curtas e com poucas linhas. Desse modo, nunca escreva na lousa nada que não seja importante.

10. Durante a aula expositiva ou outro procedimento didático, o educador deve ter cuidado com a boa visibilidade do quadro, escrita legível e organização do espaço, ficando ao lado do mesmo quando estiver utilizando-o, para permitir a visualização do meio auxiliar pelos educandos.

11. Ainda durante a explanação dos assuntos, o docente sempre deve alternar a escrita sintética com exposições orais dialogadas, porque o quadro-negro é um apoio às mesmas e não substituição destas. É a ação de escrever sobre a lousa, durante a apresentação verbal, que aumenta a aprendizagem, atenção e fixação dos alunos, obrigando-os a organizar os conteúdos ministrados. Além disso, o educador deve incentivar a participação dos educandos, inclusive na utilização do quadro.

12. Nada impede, ainda, que no transcurso da exposição oral sejam apresentados sub-esquemas dos conteúdos. Nesses roteiros acessórios dos itens da primeira parte imutável do quadro-negro (síntese esquemática ou sumário), aconselha-se que os mesmos sejam organizados apropriadamente, segundo um prévio e imediato planejamento quanto à disposição dos futuros dados. De modo que entre os sub-itens

devem ser deixados espaços convenientes para posterior preenchimento em ocasião oportuna, isto é, quando chegar o momento de expô-los.

13. O quadro-negro é um ótimo instrumento para vislumbrar idéias. Apesar do professor de Direito, em geral, não possuir habilidades artísticas, os desenhos simples ou esquemáticos devem ser empregados com freqüência, para fins de contextualização, dramatização e visualização das situações fáticas apresentadas nas aulas aos alunos, aumentando o interesse. Em questões processuais, o docente pode e deve abusar de fluxogramas horizontais ou verticais que indiquem o procedimento aplicável à espécie estudada. Com relação ao desenho com moldes e projeções, pensa-se que não existe necessidade desse tipo de atividade no curso de Direito, porque, no ensino superior, as retas, desenhos, círculos e linhas verticais não precisam ser exatas, bastando a imagem aproximada para se conseguir os resultados desejados, ante o conhecimento prévio dos discentes. Ademais e atualmente, existem quadros-brancos quadriculados, o que facilita o trabalho do docente para desenhar as retas ou linhas.

14. Os quadros-sinóticos também podem ser empregados na lousa, já que as exposições resumidas e comparativas, em forma de tabela, com ou sem linhas e chaves, tem evidente aplicação no âmbito do curso de Direito, principalmente quando se tentar apresentar as relações, semelhanças e diferenças entre institutos jurídicos.

15. Finalmente, o educador reflexivo e ético, que produz saberes construídos individualmente, deve direcionar, selecionar e organizar os conteúdos pertinentes, ajudar a compreender o significado da informação, apresentar parâmetros valorativos e resolver os problemas apresentados pela prática, formando um sistema ideológico particular de qualidade nos discentes. Está claro que a mudança não será imediata, mas, aos poucos, pode ser iniciado um processo de transformação crítica sobre o conhecimento do ser humano, bem como sobre o conteúdo técnico. Um dos recursos didáticos para a consecução de tais metas pode ser o quadro-negro, desde que empregado adequadamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maria Célia Teixeira Azevedo de; MASETTO, Marcos Tarciso. **O Professor universitário em aula: prática e princípios teóricos**. 3. ed. São Paulo: MG Editores Associados, 1983. 130p.

ALONSO, Ángel San Martín. O Método e as decisões sobre os meios didáticos. In: SANCHO, Juana María. **Para uma tecnologia educacional**. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: ArtMed, 1998, 2001 – 2. reimpressão. Cap. 3, p. 72-96.

CARLINI, Alda Luiza. Procedimentos de ensino: escolher e decidir. In: SCARPATO, Marta (Org.). **Os Procedimentos de ensino fazem a aula acontecer**. São Paulo: Avercamp, 2004. Cap. 2, p. 25-84.

CARVALHO, Irene Mello. **O Processo didático**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1987. 400p.

FERREIRA, Oscar Manuel de Castro; SILVA JÚNIOR, Plínio Dias da. **Recursos audiovisuais no processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1986. 146p.

FERREIRA, Oscar Manuel de Castro; SILVA JÚNIOR, Plínio Dias da. **Recursos audiovisuais para o ensino**. São Paulo: EPU-Instituto Nacional do Livro / MEC, 1975. 136p.

FERRÉS, Joan. Pedagogia dos meios audiovisuais e pedagogia com os meios audiovisuais. In: SANCHO, Juana María. **Para uma tecnologia educacional**. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: ArtMed, 1998, 2001 – 2. reimpressão. Cap. 5, p. 127-155.

Haidt, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 – 6. reimpressão. 327p.

LOWMAN, Joseph. **Dominando as técnicas de ensino**. Tradução de Harue Ohara Avritscher. São Paulo: Atlas, 2004. 309p.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003. 195p.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Didática: a aula como centro**. 4. ed. São Paulo: FTD, 1997. 112p. (Coleção aprender e ensinar)

PARRA, Nélío. As Técnicas audiovisuais no ensino. In: CASTRO, Amélia Domingues de; *et al.* **Didática para a escola de 1º e 2º graus**. 4. ed. São Paulo: Pioneira-Instituto Nacional do Livro / MEC, 1976. p. 77-95.

PARRA, Nélío. **Metodologia dos recursos audiovisuais: estudo fundamentado na psicologia genética de Jean Piaget**. São Paulo: Saraiva, 1974, 1977 – 2. reimpressão. 112p.

PARRA, Nélío; PARRA, Ivone Corrêa da Costa. **Técnicas audiovisuais de educação**. 3. ed. São Paulo: Edibell, 1972. 241p.

PILETTI, Claudino. **Didática geral**. 23. ed. São Paulo: Ática, 2004 – 5. reimpressão. 258p.

WIMAN, Raymond V. **Material didáctico**: ideas prácticas para su desarrollo. Tradução de Jorge Brash. México-DF: Trillas, 1973. 176p.

WITTICH, Walter Arno; SCHULLER, Charles Francis. **Recursos audiovisuais na escola**. Tradução de Gastão Roberto Coaracy; Joana Elazari Coaracy. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1964. 448p. (Biblioteca fundo universal de cultura: Estante de pedagogia)